

MEDIDAS VÃO SER TOMADAS CONTRA INCURSÕES ARMADAS

— anuncia Governador Francisco Masquil em reunião na Manga

O Governador da Província de Sofala disse ontem num encontro com a população do bairro da Manga, na cidade da Beira, que vão ser tomadas medidas alternativas para se garantir mínimas condições de segurança nos bairros suburbanos. No encontro, foram abordadas, em forma de diálogo, várias questões relativas às incursões de homens armados naqueles locais de residência, que saqueiam e matam civis.

A população da área da Manga, na cidade da Beira, voltou a acusar, ontem, na presença de altos responsáveis da província de Sofala, vários elementos do Comando de Guarnição da Cidade e muitos milicianos, de serem os principais autores dos constantes assaltos à mão armada aos bairros de Chingussura, Nhaconjo, Mungaça (quase abandonado) Ndunda, Matadouro e Inhamizua.

Entretanto, o comandante do Comando de Guarnição da capital de Sofala disse que alguns elementos da população estão a conduzir os homens da Renamo para cometer assassinatos, roubos, entre outros desmandos.

Diversos elementos da população que intervieram naquele encontro, em

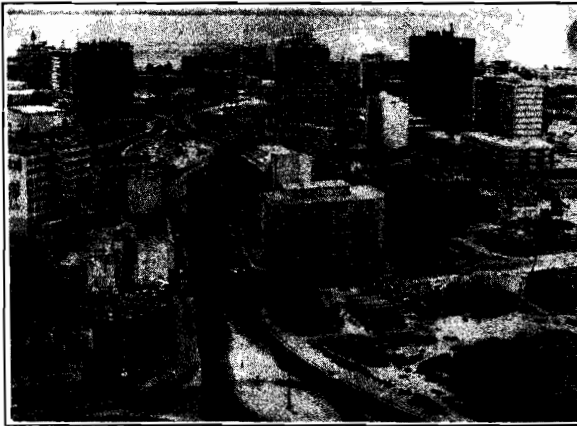
que esteve presente o Governador da Província, Francisco Masquil, os Comandantes Militar e da Polícia Popular de Moçambique, assim como outros membros do Governo, argumentaram dizendo não existir nunca uma rápida resposta por parte das forças governamentais quando se registam ataques naqueles bairros, o que dá a entender haver convivência ou mesmo participação de elementos das Forças da Lei e Ordem.

A Reportagem da nossa Delegação

momento nada soube do resultado das investigações», disse.

Joaquim Coane frisou, por outro lado, que não se justifica que o Governo não dê comida aos milicianos ali afectos. «Admiramo-nos quando os responsáveis do posto nos pedem para contribuirmos em dinheiro e comida para entregarmos aos milicianos», acrescentou.

Ainda sobre os milicianos, aquele comerciante, furioso pelos recentes assaltos à mão armada, afirmou que



A cidade da Beira e seus bairros suburbanos vão beneficiar de melhores garantias de segurança

na Beira, que esteve no encontro, soube ainda, na ocasião, que muitos dos atacantes, quando realizam assaltos à mão armada são portadores de enormes listas de nomes de pessoas residentes nestes bairros.

Uma das questões que a primeira pessoa a intervir referiu foi não concordar com a presença de um grupo de militares ao lado do bazar de Chingussura.

«Como se explica que os militares estejam na posição defensiva e nós, povo, na ofensiva? Se nós vamos defender os militares, quem nos defenderá a nós?» — interrogou-se o mesmo cidadão.

Aquele indivíduo sublinhou igualmente que não se justifica que em numa semana, haja cinco ataques, na posição colocada no Posto Administrativo de Inhamizua, cuja sede se localiza no bairro de Chingussura.

A intervenção daquele cidadão foi secundada por Joaquim Coane, comerciante naquela área da Manga que, segundo as suas palavras, alguns militares foram à sua casa para cometer actos criminosos. «Chegaram à minha casa e dispararam. Informei ao comando da Cidade, mas até ao

aquele força paramilitar tem consumido bebidas tradicionais («cabanga» e «nipa») em grandes quantidades, em plenas horas de trabalho. «O mais grave é que bebem empunhando as armas e, depois, não podem ter controlo sobre esse material».

GOVERNO DEVE TOMAR POSIÇÃO

Luís Samba, também morador de Chingussura, referiu não se justificar serem os elementos da Renamo que atacam constantemente os bairros periféricos da cidade da Beira.

«Bandidos, ou seja, elementos da Renamo não têm viaturas «K-3» ou jipes «Santana». Carregam-nos aparelhos sonoros, fogões eléctricos, bicicletas, painéis, cadeiras, mantas» — frisou, para depois perguntar:

«Será que a Renamo, nas suas bases, têm já energia eléctrica para utilizar estes meios e por onde passam quando, por exemplo, vêm com uma viatura «K-3», um jipe «Santana»? E as nossas Forças da Lei e Ordem o que fazem, se a Renamo já tem essas

N. 16/492

viaturas militares?».

Uma mulher que disse ser viúva, descreveu a situação em que os moradores de Chingussura e de outros bairros vivem, que é de pânico pelos constantes ataques à mão armada. Ela disse que por não ter família para ampará-la, a sua situação é dolorosa, pois dorme no matão com os sobrinhos que tem a seu cuidado. «Não sei quem me vai dar comida e roupa. Deixaram-me sem nada em minha casa».

Aquela viúva, que diz chamar-se Cecília, pediu ao Governo da província para mandar recolher todas as armas que se encontram em poder dos milicianos e de militares desonestos e criminosos, punindo-os.

Defendeu também ser necessário a garantia de condições para que os soldados tenham salários em dia, alimentação e vestuário. «Só assim deixarão de ficar descontentes», disse.

JUSTIFICAÇÃO DO COMANDANTE DE GUARNIÇÃO

O comandante do Comando de Guarnição da Cidade prometeu, na altura, face às acusações que os elementos da população daqueles bairros movem contra os militares afectos em diferentes pontos da urbe, encontrar novos mecanismos que visem solucionar o problema de insegurança na Manga e noutras zonas.

Entretanto, ele observou que muitos dos ataques aos bairros periféricos têm sido realizados com a cumplicidade de certos elementos da população que se deslocam para as zonas de Inhangaoma 1 e 2, a fim de cortar estacas.

«Muitas armas têm sido trazidas por estes elementos no meio dos molhos de bambú e lenha, por instruções dos elementos da Renamo, embora não tivesse referido quantos casos deste tipo foram detectados e porque não se faz uma vigilância rigorosa a essa forma de infiltração de armamento».

O comandante Militar da Cidade sublinhou que algumas pessoas, vivendo com a Renamo, ou em zonas suspeitas, têm aparecido na cidade, nos últimos dias, a fim de trocar animais (galinhas e cabritos) por farinha, sem conhecimento das posições militares. «É necessário que haja um esforço comum na identificação destes elementos, pois são eles que depois levam todas as informações para os criminosos virem atacar os bairros».

Entretanto, o Governador da Província de Sofala, Francisco Masquil, disse «que medidas alternativas vão ser tomadas para garantir mínimas condições de segurança aos moradores. Estamos a fazer um grande esforço com vista a garantir o sossego e a tranquilidade à população».